

Como se captura o desejo ?

Como capturar o desejo é uma pergunta que todos nós nos fazemos como psicanalistas. As respostas a essa pergunta vão desde o questionamento de Freud sobre o desejo inconsciente até o formalismo borromeano de Lacan, que é a última forma de respondê-la pelo dizer *sinthoma*.

Mas, antes de chegar a essa última formulação, há etapas, inclusive aquela que envolve a fantasia. Em seu seminário *O desejo e sua interpretação* (LACAN, 2013), questionando-se como podemos capturar o desejo, Lacan responde: pelo rabo, invocando aqui uma peça de Picasso intitulada: "O desejo pego pelo rabo". Mas, acrescenta, "pego pelo rabo, ou seja, na fantasia". (LACAN, 2013, p.489). É, portanto, pela fantasia que ele nos propõe capturar o desejo, uma forma de dizer que não é pelo órgão masculino que o capturamos. Porque se o limitássemos ao rabo, não seria possível avançar mais à frente para capturar esse desejo, porque o que o faz funcionar é a fantasia.

No entanto, em « A direção do tratamento » (LACAN, 1966, p.641) é afirmado que o desejo é "incompatível com a palavra", portanto impossível de dizer. Um impossível de dizer mas que, entretanto, tem um lugar na estrutura da linguagem, a do significado, a do interdito, com este trocadilho do inter dos ditos.

O que nos leva a este paradoxo do desejo: notamos a sua presença ou a sua ausência, mas ele é evasivo, escapa ao nosso alcance.

Daí a questão de como capturá-lo, esse furão. Pela fantasia, certamente, mas por que esse desejo situando no inter dos ditos, causado por uma falta, deveria ser melhor capturado na fantasia do que em outro lugar?

No *Che voi?* que questiona o Outro em seu desejo, mas também o próprio sujeito em seu desejo, *o que você quer?* não há resposta articulável. Pois o que acontece no nível da cadeia do inconsciente não pode ser articulável. É isso que a escrita $S(A)$ simboliza na álgebra lacaniana.

É nesse lugar de falta de resposta ao *Che vuoi?* que Lacan situa a fantasia que ele diz ser fundamental. É uma constante para o sujeito, um axioma, que lhe confere um estatuto de real, porque é uma constante de gozo.

E sabemos que isso resulta em repetição para o sujeito: ou seja, que ele sempre faz a mesma escolha em situações idênticas. É assim que o inconsciente se apresenta como uma articulação indefinidamente repetida. O sujeito traz a marca dessa repetição que lhe permanece inacessível. Até que a análise lhe permita se situar como sendo ele mesmo o suporte dessa repetição.

Nós encontramos os efeitos na clínica com o que os sujeitos chamam de tendência masoquista, tendência ao fracasso, autossabotagem. É muito comum. Há algo que insiste e que vai contra o bem do sujeito. Um além do princípio do prazer.

Mas antes de conseguir isso, a experiência da repetição se apresenta como vinda de fora. Há, portanto, uma distância a ser vencida para atingir a meta traçada por Freud do *Wo Es war soll Ich werden*. O *Ich* aqui não é o eu imaginário, mas o sujeito do inconsciente.

Na fantasia, o objeto do desejo tem precisamente a função de significar o ponto onde o sujeito não consegue se nomear, trata-se da dimensão de afânise do sujeito ao se aproximar desse objeto. À pergunta: o sujeito está no ponto onde ele deseja? Lacan responde que o sujeito não está no ponto onde ele deseja, mas em algum lugar na fantasia. Ou seja, não há sujeito do desejo, mas sujeito da fantasia.

Tanto que a relação do sujeito ao seu ser, que Lacan designa como real, se faz no nível do corte. E a partir daí, a fantasia passa a designar esse ponto, como metonímia do ser. Com a fantasia fundamental, o que aparece é a equivalência entre o sujeito e o objeto. É o ponto de finitude da psicanálise, o que na proposição de 67 sobre o psicanalista da Escola ele chama de destituição subjetiva.

Esse ponto é alcançado pelo que ele chamou de travessia da fantasia, onde o sujeito percebe seu ser como objeto. Com esta percepção, o sujeito já não se experimenta apenas como uma falta de ter (castração), mas também como um objeto que não pode ser significantizável.

É, portanto, muito simplesmente, o que poderíamos esperar com o dispositivo do passe, um testemunho do passante sobre sua relação com a fantasia. Aquele que soube vencer a aversão de enfrentá-la, que como todo neurótico, só a aborda com uma luneta (LACAN, 2001, p.326), ou seja, de longe.

É claro que, muitas vezes, assim como o analisante reluta em se expressar sobre sua fantasia enquanto é muito falante sobre seus sintomas, os testemunhos do passe podem se estender sobre a letra do sintoma e silenciar sobre a fantasia que sustenta o desejo do sujeito.

Isso levanta questões, dentre outras :

-Se a frase da fantasia fundamental vale como axioma para o sujeito, como a análise pode modificá-la?

-Para o sujeito analisado, que lugar ocupa sua fantasia ?

Patrick BARILLOT, AME da EPFCL-France.

Referências Bibliográficas

LACAN, J. *Le Séminaire* (1958-1959). *Livre 6. Le désir et son interprétation*. Éditions de la Martinière, 2013.

----- *Écrits*. Ed. du Seuil, Paris, 1966.

----- *Autres Écrits*. Ed. du Seuil, C.F, Paris, 2001.

Tradução : Ângela Mucida